

## ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA OS ANOS INICIAIS

### READING STRATEGIES FOR THE EARLY YEARS

Julia Neile dos Santos\*  
Elenilson José Mazari\*\*

#### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo verificar a contribuição da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental, estratégias de atividades de leitura, assim como as diversas possibilidades que o livro infantil pode oferecer, para o desenvolvimento da aprendizagem infantil, sendo ponto de partida a análise de algumas referências bibliográficas relacionadas com a prática em sala de aula. Ao longo da pesquisa foram considerados interessantes as estratégias de práticas de leitura em sala de aula sugeridas por (LEMOV, 2011), que podem auxiliar o professor no desenvolvimento e acompanhamento do ato de ler em sala de aula de forma que não seja um ato rotineiro realizado de forma mecânica, mas de forma eficaz a fim de realmente auxiliar no desenvolvimento da competência leitora do aluno. Segundo ele, as atividades propostas para incentivo à leitura não precisam demandar materiais mirabolantes, ainda assim o professor deve estar preparado para estes momentos, este trabalho de desenvolvimento da competência leitora, não deverá ser feito de maneira amadora ou improvisada, mas o professor deve ser criterioso na escolha do material que vai trabalhar, estudar seu acervo, materiais disponíveis, ter conhecimento de abordagens que poderá utilizar em sua aula a fim de potencializar a aprendizagem. Neste sentido, os momentos pedagógicos que envolvem a leitura trabalham o desenvolvimento lúdico e também motor, porque é perfeitamente possível que a criança transforme em brincadeira, ou seja, em ao motor tudo que ela vivencia através da leitura, não ficando em segundo plano o enorme ganho cognitivo resultante deste tipo de prática. Assim sendo esta leitura buscou investigar os benefícios das práticas de incentivo à leitura nesta fase do desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Ensino fundamental. Estratégias. Leitura. Literatura infantil.

#### ABSTRACT

The present work aims to verify the contribution of reading in the initial grades of elementary school, strategies of reading activities, as well as the various possibilities that the children's book can offer, for the development of children's learning, being the starting point the analysis of some bibliographical references related to classroom practice. Throughout the research, the strategies of classroom reading practices suggested by (LEMOV, 2011) were considered interesting, which can assist the teacher in the development and monitoring of the act of reading in the classroom in a way that is not a routine act performed mechanically, but effectively in order to really assist in the

---

\* Graduada em Pedagogia pela FATECE (Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação). [julia-neile@hotmail.com](mailto:julia-neile@hotmail.com)

\*\* Orientador, Professor do Curso de Pedagogia da FATECE (Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação). [lemazari@hotmail.com](mailto:lemazari@hotmail.com)

development of the student's reading competence. According to him, the activities proposed to encourage reading do not need to require fancy materials, yet the teacher must be prepared for these moments, this work of developing reading competence, should not be done in an amateur or improvised way, but the teacher must be careful in choosing the material to work with, studying your collection, available materials, having knowledge of approaches that you can use in your class in order to enhance learning. In this sense, the pedagogical moments that involve reading work playful and also motor development, because it is perfectly possible for the child to transform into play, that is, to put everything that he experiences through reading into the motor, not leaving the enormous background cognitive gain resulting from this type of practice. Therefore, this reading sought to investigate the benefits of reading incentive practices at this stage of development.

**Keywords:** Elementary School. Strategies. Reading. Children's literature.

### **Introdução**

A leitura de um livro, é uma das tarefas mais prazerosas para algumas pessoas, oferecendo a possibilidade de ver os dados do mundo com mais clareza, sendo fonte de lazer e cultura, levando o indivíduo a conhecer a si e aos outros, desenvolvendo sua formação humana. Pois ao ler um texto, internaliza-se as palavras do autor, nas quais, pode-se contextualizar e refletir, aperfeiçoando a forma como analisamos o mundo à nossa volta.

No que diz respeito aos alunos ainda não alfabetizados, ou seja, os alunos da educação infantil, esta relação entre eles e a leitura é feita, geralmente, através de dois interlocutores: Família e professor. Vale ressaltar que a leitura, sob diversas óticas, tem sido foco de atenção de pesquisadores e estudiosos. Este trabalho, observou na literatura sobre o tema as necessidades deste público alvo, que mesmo em tão tenra idade, já está em fase de formação, para se tornar, mais tarde, agente em uma sociedade que se deseja: Leitora, atualizada e crítica. Foi observado também nas pesquisas estratégias que podem ser usadas por professores e família a fim de incentivar hábitos leitores. É claro que entre o indivíduo e o saber próprio de sua cultura, há que se valorizar os inúmeros agentes mediadores da aprendizagem (não só o professor, nem só a escola, nem a família) embora estes sejam agentes privilegiados pela sistemática socialmente planejada. Tudo que envolve esta criança, a cultura em que vive, as influências dos mais diversos tipos de texto com que ele tem contato visualmente, mesmo que ainda não alfabetizado, é de suma importância em seu processo de apropriação da leitura e escrita no futuro, independentemente da idade em que se encontre, assim em concordância com a seguinte afirmação:

A leitura é de suma importância para a formação do cidadão e propicia o ato criador.... Tem – se quer “[...] a leitura reside [...] no fato de permitir superar sua angústia [...] no desenvolvimento de sua imaginação criadora que imprime à sua fantasia uma direção nova, que permanece por toda a vida” (VYGOTSKY, 1982 *apud* IVIC, 2010).

O autor acima citado reflete amplamente a questão do desenvolvimento do conhecimento ainda na primeira fase da vida. Assim sendo, é de suma importância a aplicação de práticas de leitura mesmo para crianças ainda não alfabetizadas. O objetivo do presente artigo é apresentar observações da prática da leitura, realizada pelo professor em sala de aula, através de pesquisa bibliográfica sobre o referido tema e contribuições de uma coordenadora, que fala sobre a importância do uso de literatura infantil dentro da sala de aula.

De acordo com a UNESCO– Organização das Nações Unidas – para a educação, a ciência e a cultura, somente 14% da população brasileira tem o hábito de ler, pode-se afirmar que não somos uma sociedade leitora. Nesta perspectiva cabe à escola desenvolver na criança o hábito de ler por prazer, não apenas por obrigação. Existem dois fatores que colaboram para que a criança adquira o gosto pela leitura: curiosidade e exemplo. Neste aspecto o livro deveria ter a mesma importância que ocupa a televisão dentro do lar, os responsáveis deveriam ler mais para as crianças e para si próprios (CASTRO, 2020).

## **1 Panorama histórico do contato da criança com a leitura**

O público infantil teve os primeiros livros direcionados a ele na metade do século XVIII na Europa, antes disso no século XVII, foram escritos alguns textos sobre conto de fadas que são considerados pioneiros da literatura infantil. Tendo como um dos autores principais Charles Perrault.

A literatura infantil tem seu início através de Charles Perrault, clássico dos contos de fada, no século XVII. Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época que tais histórias, por sua natureza e estrutura, viessem construir um novo estilo dentro da literatura; e elegê-lo o criador da literatura para criança (CARVALHO, 1985, p. 77).

No século XIX surgem, Luís Jacob e Guilherme Carlos Grimm conhecidos como os Irmãos Grimm, tais autores trouxeram um novo estilo de literatura, usavam a singeleza e personagens populares para seus contos.

E são os irmãos Grimm que animados pelo espírito romântico, vão buscar as suas estórias, “vivas”, na pureza e na simplicidade das fontes folclóricas e revalorizar os contos maravilhosos, com a mesma dimensão que alcançaram no século XVII (CARVALHO, 1985, p. 104).

No mesmo século na Dinamarca, aparece, Hans Cristian Andersen buscando enriquecer a literatura infantil. Segundo Carvalho (1985) o autor foi considerado o maior poeta da literatura para crianças por mostrar em seus textos um estilo vivo, utilizando uma linguagem encantadora, conseguindo dar vida a todos os seres.

Ao se falar na história da literatura infantil e todo o seu processo, ela é compreendida como linguagem específica. Segundo Coelho (2000, p. 27) “e como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana e dificilmente poderá ser definida com exatidão”; nessa perspectiva, podemos dizer que cada período produziu literatura ao seu modo e isto implica em perceber a singularidade de cada tempo, de uma caminhada longa da humanidade que está em contínua evolução.

No Brasil a literatura infantil começou a dar os seus primeiros avanços no final do século XIX, teve como fator contribuinte à urbanização que ocorreu entre o fim do mesmo século e o começo do século XX.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2004) a partir desse momento passa a existir consumidores de bens culturais e o conhecimento passa a ser muito importante para o novo modelo social, em primeiro momento teve como objetivo o ensino de contextos de língua portuguesa, sendo apenas didático, destinado a população que possuía maior renda social.

Até os fins do século XIX, a literatura voltada para crianças e jovens era importada e vendida no mercado disponível apenas para a elite brasileira, constituindo-se principalmente de traduções feitas em Portugal, pois no Brasil ainda não havia editoras e os autores brasileiros tinham seus textos impressos na Europa (SANDRONI, 1998, p. 11).

A história do livro didático no Brasil está marcada pelos manuais portugueses que durante o século XIX, circulavam pela escola. De acordo com Lajolo e Zilberman (2004) os livros didáticos começaram a ser abramileirado somente no fim do mesmo século. É nesta época, que a relação literatura e escola começam a estreitar-se, era preciso que as crianças dominassem a língua escrita e era papel da escola proporcionar tal habilidade aos alunos.

Nas duas primeiras décadas do século XX, as obras didáticas produzidas para crianças apresentavam um caráter ético-didático, o objetivo era educar moldando as

crianças, de acordo com os ideais dos adultos, de forma alguma tinha a leitura como forma de prazer, eram raras as histórias que tratavam a vida de forma lúdica.

Por volta dos anos 70 a literatura infantil toma novo rumo na história e passa por uma revalorização, quando se constitui a disciplina de Comunicação e Expressão, “os livros didáticos tiveram que responder a novas exigências” (ZIBERMAN, 1999, p. 80).

Atualmente quando se fala em literatura podemos percebê-la mais ampla e importante, contribui para a formação social, emocional e cognitiva. Segundo Abramovich (1997) ao ouvir histórias as crianças passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que tem em relação ao mundo, trabalham problemas típicos da infância, como medos, carinho, perda, além de, ensinar sobre vários assuntos.

A literatura de um povo é o desenvolvimento que ele tem, é o de mais sublime nas ideias, cada povo tem sua história, que é o reflexo da civilização em que está inserida, assim; a literatura é variável com os séculos. Uma ideia lavrada, às vezes, entre homens de uma mesma época pode reunir todos em uma mesma crença, cada época representa uma mesma forma de pensar. Aplicando-se especialmente ao Brasil surgem algumas questões. Qual é a origem da literatura brasileira? Qual é seu caráter, seus progressos?

O objetivo deste trabalho não é traçar cronologicamente as biografias dos autores brasileiros, mas sim investigar como se tem dado o contato da criança com a leitura em ambiente escolar. Para isso foram realizadas algumas pesquisas em publicações que trazem estratégias bem-sucedidas para este fim. Desta forma registra-se aqui o trabalho de Lemov (2011). Em seu livro *Aula Nota 10* (2011), Lemov descreve 49 técnicas para “ser um campeão de audiência”. Dentre estas, algumas podem ser perfeitamente aplicadas também as práticas de leitura em sala de aula: criar altas expectativas acadêmicas planejar para garantir um bom desempenho acadêmico e estruturar as aulas motivar os alunos nas suas aulas criaram uma forte cultura escolar estabelecer e manter altas expectativas de comportamento construir valores e autoconfiança melhorar seu ritmo estimular os alunos a pensarem criticamente e ajudar o aluno a tirar o máximo da leitura (LEMOV, 2011).

O momento da prática da Leitura em sala de aula é; portanto o momento que colabora no desenvolvimento de várias habilidades e competências do indivíduo segundo a BNCC (2019) uma das competências gerais para o fundamental 1 é:

2. Pensamento científico, crítico e criativo

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive

tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BRASIL, 2019, p. 7).

Ora, como seria possível a criança desenvolver seu senso crítico sem adquirir habilidades leitoras adequadas? Já que a leitura é ferramenta crucial para o conhecimento do mundo a sua volta? Sendo assim, o professor não pode considerar atividades ligadas a leitura como entretenimento descompromissado, mas sim como uma ação pedagógica que como todas deve ser planejada, do início ao fim, com comprometimento e significado, afim de ter os seus objetivos atingidos (LEMOV, 2011).

Mesmo que o autor tenha se baseado no modelo americano de ensino e alfabetização é possível aplicar várias de suas estratégias em qualquer sala de aula do globo. Em se tratando da prática de leitura autor afirma que ler é habilidade que pode ser apreendida (LEMOV, 2011). Desta forma o autor defende e justifica a ideia de que a leitura tem e deve ter seu papel de habilidade fundamental em pleno destaque nas diversas áreas do conhecimento. Esta visão é perfeitamente compreensível e faz jus as competências erais da Base Nacional Comum Curricular. Ele salienta que uma leitura eficiente traz benefícios de curto e longo prazo de ganho incalculável: "Particularmente no ensino fundamental onde a instrução específica da leitura é uma alavanca essencial para gerar ganhos duradouros entre os alunos" (LEMOV, 2011, p. 270). Assim, ele salienta que mesmo que haja momentos específicos para leitura nas aulas de linguagens, as outras disciplinas também trazem um volume igual ou superior de outras tantas leituras de alta qualidade com conteúdo relevante, que muitas das vezes não são as utilizadas como o conteúdo de uma aula de leitura" (LEMOV, 2011, p. 270).

O autor apresenta uma pontuação não nova, nem excepcional: a de que o tempo realmente dedicado a leitura em sala de aula, às vezes, é insuficiente. Depreende-se em menos de uma hora por dia. Vale ressaltar que um aluno do ensino fundamental hoje passa ao menos 5 horas por dia no ambiente escolar. Segundo ele até mesmo em aula de literatura ou linguagens fala-se mais sobre a leitura do que se dedica a ela na prática. O autor apresenta em seu livro dados de um estudo de caso realizado em escolas públicas de New York que apontou que a: " eles (os alunos) nem média 10 minutos por dia pior 40% deles simplesmente não leem" (LEMOV, 2011, p. 271).

Se uma pesquisa realizada em uma metrópole do primeiro mundo traz esses resultados, imagina-se o que revelaria uma pesquisa realizada em uma cidade de periferia do terceiro mundo, onde não há nem saneamento básico e a literatura é um artigo de luxo? Pois bem, o autor comprometer-se em compartilhar práticas que podem tornar a leitura

altamente "produtiva e eficiente" (LEMOV, 2011, p. 271). Desta forma as abordagens de leitura em sala de aula pertencentes a esta obra buscaram desenvolver quatro habilidades principais: decodificação, fluência, vocabulário e compreensão, as quais serão detalhadas no capítulo seguinte deste trabalho (LEMOV, 2011).

Vale ressaltar que o autor também pontua que a compreensão é fruto das outras três habilidades anteriores, pois se o aluno, por exemplo, precisa fazer muito esforço mental para decodificar o que está lendo sua compreensão será comprometida pela dificuldade de fluência nesta leitura e assim por diante. Para lermos, atividades cujo foco são o aperfeiçoamento de uma competência leitora, faz-se necessário entender que estas dão um retorno bem maior se comparado a outras práticas. "você sempre pode investir qualquer período de tempo curto ou longo em uma leitura produtiva e colher um retorno bom e imprevisível" (LEMOV, 2011, p. 275).

Deste modo a prática de leitura em sala de aula mesmo que para o ensino fundamental justifica-se com o objetivo de potencializar os ganhos ou a aprendizagem para ele esta leitura produtiva é: "leitura que é verificável, moderadamente expressiva e altamente potencializável" (LEMOV, 2011, p. 275). Assim, os professores devem ser capazes de verificar se os alunos estão efetivamente lendo com eficiência, ou seja, lendo corretamente, se o fazem de maneira expressiva e se são capazes de potencializar o que ouvem conforme infográfico abaixo:

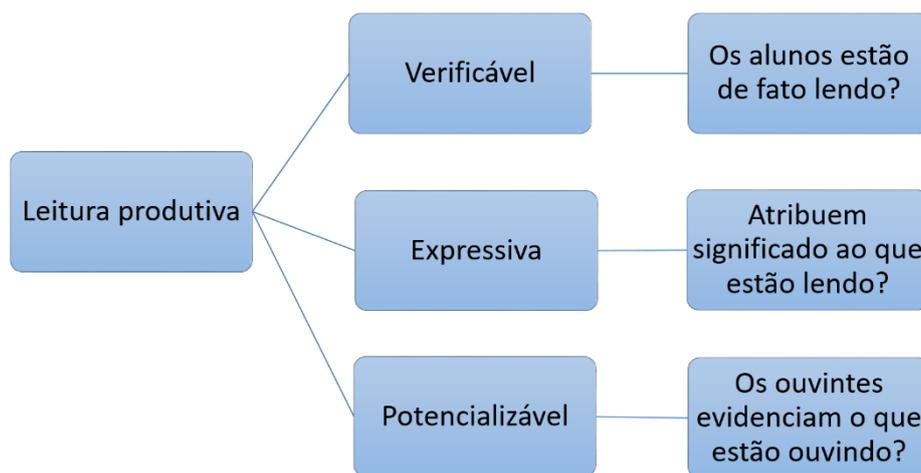


Figura 1: Características da Leitura Produtiva segundo Lemov, 2011

**Fonte:** Próprio autor

Assim sendo existem inúmeras estratégias das quais o professor poderá apropriar-se para que as práticas dedicadas a estes momentos possam gerar uma leitura verdadeiramente produtiva, uma vez que a leitura envolve significante e significado,

decodificação e compreensão. Desta forma acompanhar o desempenho da leitura dos alunos tem sido muito desafiador para a escola moderna, conforme se observa em resultados de exames como o PISA- Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), por exemplo. Assim sendo algumas destas estratégias para o desenvolvimento de atividades leitoras serão abordadas nos capítulos deste trabalho.

## **2 A literatura e o desenvolvimento infantil**

Em seu processo de desenvolvimento a criança passa por vários estágios psicológicos que precisam ser respeitados. Os fatores relevantes para esses estágios não dependem da idade, mas sim do seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo e intelectual, como afirma Coelho (2002). Neste ponto de vista é necessário a adequação de livros, as diversas etapas pelas quais a criança passa é composta por cinco categorias que explicam as fases do desenvolvimento psicológico da criança: o pré-leitor, o leitor iniciante, o leitor em processo, o leitor fluente e leitor crítico

O pré-leitor: abrange duas fases, primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) a criança começa a reconhecer o mundo através do contato afetivo e do tato, sentindo necessidade de pegar ou tocar tudo que está ao seu alcance, outro momento é a aquisição da linguagem. Segunda infância (a partir dos 2/3 anos) é o início da fase egocêntrica, aumenta a sua capacidade e interesse pela comunicação verbal, livros que propõem humor são indicados para o leitor (COELHO, 2002).

O leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos) fase em que a criança começa a apropriar-se da decodificação de símbolos gráficos, o papel do adulto é de fundamental importância, como agente estimulador, porque a criança se encontra no início do processo, os livros para essa fase devem ser de conteúdo simples, com começo, meio e fim, as imagens devem predominar sobre o texto (COELHO, 2002).

Por fim, o leitor crítico (a partir dos 12/13 anos) esta fase está marcada pelo total domínio da leitura escrita, sua capacidade de refletir toma maiores proporções, continua a interessar-se pelos tipos de leitura da fase anterior.

De acordo com Abramovich (1997), ler sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens; ler sempre foi prazer insubstituível.

Ao ler uma história a criança desenvolve uma forma crítica ao pensar, duvidar, perguntar e questionar. E isso não deve ser feito uma vez ao ano; é necessário que a leitura

faça parte do cotidiano escolar, algo sistematizado, não um esquema rígido, repetitivo, pois como citado acima pela autora o ato de ler é um prazer.

Ao ler vários tipos de histórias, dos mais diversos gêneros textuais a criança segundo Abramovich (1997) é remetida ao passado ou futuro, fica sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, política sem saber o nome de tudo isso, sem achar que tem cara de aula, porque se isso acontecer deixa de ser literatura, deixa de ser prazeroso e passa a ser didático, ler abre portas para a compreensão do mundo.

O ato de ouvir histórias é algo que nos traz tanto prazer e desperta interesse em todas as idades; se para um adulto é prazeroso ouvir um “bom caso”, para a criança a atividade torna-se muito mais interessante, em vista de que a criança possui uma capacidade ampla de imaginação.

Ao nascer a criança já começa a ter contatos mais diretos e frequentes com as narrativas, através da voz, dos carinhos, das cantigas que a faz dormir, tudo isso reproduzido pela voz materna, anos mais tarde as cantigas de roda tomam o lugar das primeiras. As crianças bem pequenas sorriem, batem palmas demonstrando o interesse, deste ponto de vista é de suma importância para a formação da criança que ouça histórias desde cedo.

A primeira experiência das crianças com um texto é oralmente, quando algum adulto lhe conta histórias, nesta idade as crianças têm preferência pelas histórias que dizem respeito à sua vida, à medida que cresce; já é capaz de escolher as histórias que quer ouvir, ou a parte que mais lhe agrada.

Na medida em que crescem começam a interagir com a própria história lembrando até mesmo de fatos que passaram despercebidos pelo narrador, são histórias fundamentais que tratam da realidade, para que a criança crie a sua identidade. Um fato muito interessante e que às vezes não é percebido é o vínculo afetivo entre contador de histórias e criança.

É importante contar histórias mesmo para as crianças que já sabem ler, segundo Abramovich (199, p. 23) “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”. Ao ouvir histórias as crianças maiores aperfeiçoam sua capacidade de imaginar, estimulando a pensar, escrever, criar e recriar.

O meio em que a criança está inserida contribui muito para o seu desenvolvimento, uma criança que costuma desde cedo a ouvir histórias, certamente será um adulto leitor, terá prazer em ler, sua imaginação e criatividade serão favoráveis para expressar ideias.

A leitura não deve ser compreendida somente como recurso para a alfabetização, mas como instrumento que permita a compreensão daquilo que se lê.

De acordo com Freire (2002), é importante dizer que a leitura de mundo precede da leitura da palavra. Ao relatar experiências da sua infância no Recife, descreve um ambiente rodeado de árvores que eram íntimas do seu cotidiano, de animais que frequentavam a velha casa onde morava, os diferentes momentos na sua experiência existencial ainda criança, quando foi alfabetizado no chão do quintal de sua casa.

O primeiro contato da criança com uma história é feito oralmente; através da voz de algum adulto, ler histórias para crianças é poder sorrir, gargalhar, com situações vividas por personagens do contexto da história, é substituir o imaginário; é ter a possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos é ir se identificando com um outro personagem; é ouvindo histórias que a criança pode descobrir outros lugares (OLIVEIRA, 1996).

As crianças maiores, que já sabem ler também podem sentir grande prazer em ouvir histórias e querer ouvi-las novamente. Quando a criança ouve ou lê uma história ela é capaz de comentar, duvidar ou discutir, neste caso vem ao encontro das noções de linguagem de Bakhtin (1992), para ele o confronto de ideias, de pensamentos em relação aos textos, tem sempre um caráter coletivo. O conhecimento é adquirido no ato da interlocução, vai evoluindo por meio do confronto, de acordo com o autor acima a linguagem é constitutiva, ou seja, o sujeito constrói seu próprio pensamento a partir do pensamento do outro; uma ação dialógica.

Na mesma linha de pensamento, Coelho (2001) afirma que a linguagem é um fenômeno resultante de uma experiência existencial, social e cultural, e que a leitura, no sentido de compreensão é condição básica para o ser humano, que se inicia quando bebê, nos primeiros contatos com o mundo. Segundo relatam os PCN's:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-las de forma a atender a essa necessidade (BRASIL, 2001, p. 54).

De acordo com os PCN's (2001) a decodificação é apenas uma das várias etapas de desenvolvimento da leitura, desta forma trabalhar com diversos textos, fazendo com que o indivíduo desenvolva significativamente as etapas de leitura para a formação de leitores competentes.

Atualmente, no ponto de vista de Oliveira (1996) muito se tem discutido sobre a

importância da literatura infantil para a criança; as oportunidades que são oferecidas pela família ou pela escola com livros de literatura, muito contribuem para o seu desenvolvimento, oportunizando situações nas quais as crianças possam interagir no processo de construção de conhecimento. Este universo não deve ser compreendido apenas como recurso para alfabetizar uma criança, mas como meio para interpretação e compreensão daquilo que se lê.

Sabemos que ler não é uma prática habitual de nossas crianças. Sabemos também que o leitor se forma no exercício da leitura. Mas no caso dos leitores infantis, tal exercício compreende algo mais do que simplesmente tomar um livro nas mãos e decodificá-lo através da leitura (OLIVEIRA, 1996, p.18).

Comprendemos assim, que é necessário oferecer as crianças, oportunidades de leitura que sejam prazerosas. A literatura infantil então tem o papel de nortear as crianças não só ao aprendizado da escrita sistematizada, mas também em dar oportunidades de refletir criticamente, permitir ainda que as crianças consigam desenvolver melhor a sua criatividade, dando possibilidade para que elas ajam como personagens das histórias, além de facilitar a expressão de ideias.

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um para o desenvolvimento biológico e o outro, para o desenvolvimento psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais (OLIVEIRA, 1996, p.27).

Por ser um instrumento que motiva e desafia, a literatura infantil segundo Bakhtin (1992) é capaz de transformar o indivíduo em sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com sua necessidade.

Apesar da grande importância que a literatura exerce na infância, de acordo com Sandroni (1998) muitas crianças não gostam de ler e fazem-no por obrigação, percebemos que a literatura não está sendo bem explorada. Segundo Sandroni (1998, p. 16): “o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente”. É necessário ajudar a criança a descobrir que eles podem oferecer, papel que cabe aos professores e a família.

Garantir a vivência desde os primeiros anos de vida da criança no universo literário contribui para o desenvolvimento do pensamento lógico e a imaginação, que segundo Vygotsky, 1982, apud IVIC, 2010, p.128): Caminham juntos: “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista”. O autor enfoca

que no ato de imaginar a criança tente a afastar-se da realidade, tal distanciamento vivenciado pela criança, através de uma história, por exemplo é importante para conhecer a sua própria realidade.

### **3 A literatura e as práticas de letramento: novas formas de ver o mundo**

No Brasil, na metade da década de 1980, que no âmbito acadêmico, se formularam as definições para letramento. Mais do que ler e escrever, é preciso responder as exigências de leitura escrita que a sociedade impõe. Segundo Soares (1998), o surgimento do termo letramento representa uma mudança histórica nas práticas sociais, assim letramento é de acordo com Soares (1998, p. 18): “[...] o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e a escrever, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. O processo de letramento:

[...] está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, ou mais especificamente, grafocêntricas, isto é, sociedades organizada em torno de um sistema de escrita e em que, sobretudo por meio do texto escrito ou impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem (MORTATTI, 2004, p. 98).

Isso significa que, um indivíduo que não sabe ler e escrever, pode ser em certa medida letrado. Pode perfeitamente ocorrer com uma criança que ainda não foi alfabetizada, mas tem oportunidade de folhear livros, de brincar de escrever.

[...] essa criança é ainda “analfabeta”, porque ainda não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma letrada. ” E em linhas gerais, isto revela que o indivíduo letrado, [...] é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas sociais de leitura e escrita (SOARES, 1998, p. 24).

Atualmente entendemos a alfabetização como um processo de aprendizagem de habilidades necessárias aos atos de ler e escrever (Soares,1998), ocorre pela interação de um adulto letrado e a criança, no brasil este conceito passou por algumas mudanças ao longo da história, com a coincidência das transformações decorrentes do processo de abertura política e os problemas da educação escolar na década de 1980, tais problemas foram bastante criticados em nosso país.

Para Lemov, (2011), a leitura tem que ser para o aluno uma atividade de alta

qualidade "que pode ser conduzida em qualquer sala de aula a qualquer momento e com muito pouca preparação adicional". Não se deve entender pouca preparação como improvisação, mas sim que a leitura produtiva não demanda material sofisticadíssimo ou dinâmicas mirabolantes. Assim, o autor recomenda que o professor deve estar seguro de seus objetivos e preparado para que a leitura em classe seja verificável e potencializável. Para verificar a eficácia de atividade de leitura, o professor deverá ser um exímio observador. Durante uma leitura individual por exemplo, existem tabus a serem quebrados: "se a necessidade não seria ofensiva a autoestima do aluno caso ele tivesse dificuldade para ler em público" (LEMOV, 2011, p. 277). Para ele é errôneo pensar que aprender com seus erros pode ser ofensivo para os alunos. Aliás, ele considera o oposto: que eles podem e devem aprender com seus erros. Ele declara que autoestima é consequência dos bons resultados acadêmicos e não contrário. Em se tratando do ensino fundamental 1, quando os alunos estão se apropriando da leitura é ainda mais apropriado que se quebre qualquer tabu ou resistência em atividades que possam incentivar a apropriação da leitura e oralidade. Para executar essa verificação o autor apresenta a técnica "controle o jogo" que "explicam como atingir e manter regularmente tarefas de potencialização das atividades de leitura" (LEMOV, 2011, p. 277).

### **3.1 Habilidade de controle o jogo**

Consiste em manter as durações imprevisíveis. "Manter imprevisível a identidade do próximo leitor, manter a duração curta, reduzir os custos de transação, usar pontes para manter a continuidade, preencher oralmente as lacunas, confiar no marcador de lugar" (LEMOV, 2011, p. 282). Manter as durações imprevisíveis significa que os alunos não "devem prever" até que ponto será realizada a leitura e nem qual será o colega de classe que fará a mesma no momento. Durante o estágio supervisionado foi observado em uma ocasião na qual a professora tinha uma caixa com o nome dos alunos e ia sorteando os leitores e assim prendendo a atenção de todos. Esse é apenas um dos exemplos de dinâmicas que o professor pode utilizar em momentos como esse ponto, esta também é uma estratégia excelente no caso de algum leitor ficar muito nervoso, ele poderá ler apenas uma frase, o professor sorteará o aluno seguinte e a leitura segue produtiva.

Quando os alunos não sabem a ordem da Leitura ficam mais concentrados. É uma medida simples, mas muito eficaz para que a atividade de ler seja verificável e potencializável, uma vez que ninguém ficará brincando ou disperso enquanto um colega

está lendo (LEMOV, 2011). O autor também orienta que seja realizada uma leitura de trechos curtos por um número grande de alunos. Assim, o professor pode gerenciar de forma mais abrangente o exercício e tornar esta leitura, em grupos, do mesmo material, também chamada de “leitura compartilhada”, mais dinâmica e interativa (LEMOV, 2011). Um material geralmente disponível nas escolas e que foi observado no estágio, que os professores usam para este tipo de atividade é o livro didático, uma vez que cada aluno tem um exemplar e em se tratando do fundamental 1, o professor pode fazer uso de diversos textos de várias disciplinas.

Sobre reduzir os custos de transação, o autor aponta que se trata de fazer "a transição de um leitor primário para outro rapidamente e com um mínimo de palavras". (LEMOV, 2011, p. 280). Claro que, em fase inicial de implementação desse tipo de rotina em sala, podem acontecer várias interrupções como as observadas no estágio: "professora posso beber água" "professora posso ir ao banheiro" "professora fulano pegou meu lápis" entre tantas outras ocorrências. O que pode acontecer também é de alunos que se negam a praticar a leitura em voz alta na frente dos demais. Este fato ocorreu em observação realizada no estágio supervisionado. Na ocasião a professora foi clara e firme: "estamos aqui não para fazer o que queremos mas para exercer o nosso direito a educação e vencer desafios e medos, vamos esperar que você leia sim".

Após algum tempo de silêncio, que pareceu eterno, o aluno leu, mesmo com dificuldade e a professora prosseguiu com atividade. Segundo ela relatou posteriormente, no início do ano letivo é fundamental que o aluno seja encorajado a vencer seus tabus em relação a leitura, caso contrário, carregaram esses medos e preconceitos para o resto do ano letivo quiçá da vida.

Outra estratégia apontada, usar pontes para manter a continuidade refere-se ao ato do docente em também ler trechos do texto escolhido a fim de manter "a linha da narrativa viva" (LEMOV, 2011, p. 281). Aliado a isso está a técnica de “preencher lacunas”, que consiste em que o professor ao realizar sua leitura faça interrupções para que os alunos continuem imediatamente, mais um recurso simples para tornar a leitura verificável e potencializável. O professor também pode e deve realizar intervenções a fim de verificar a compreensão do que se lê ou de bater algum ponto específico o autor chama de "marcador de lugar" o simples ato de identificar o ponto do texto alvo de análise a fim de verificar se todos estão no mesmo ponto para que a leitura prossiga continuamente produtiva. Tudo isto colabora para uma atividade coordenada sendo que o livro poderá ser até fechado neste momento para potencializar uma análise pontual. (LEMOV, 2011).

A qualidade da Leitura realizada em sala de aula, não se atém apenas a concentração em silêncio. Segundo Lemov, (2011), os alunos também deverão desenvolver decodificação, vocabulário e fluência. A decodificação está ligada a compreensão em si "o domínio incompleto da decodificação pode persistir muito além do ciclo 1 do ensino fundamental e aumenta as chances de fracasso escolar até de alunos aparentemente avançados" (LEMOV, 2011, p. 283). Seguindo esse raciocínio o autor traz reflexões sobre o quanto pode ser prejudicial à compreensão de um vocabulário empobrecido ou a leitura errônea de tempos verbais, por exemplo.

Assim sendo ele aconselha que os professores façam sim, correções e intervenções durante estas práticas de leitura, independente da disciplina que ministram. "No entanto, muitos professores que corrigem os erros de decodificação não usam esses antigos, optando pela simples correção do erro e pedindo ao aluno que repita corretamente a palavra lida sem provocar reflexão" (LEMOV, 2011, p. 284). Assim, essa "correção" da Leitura não pode e não deve ser uma repetição mecânica vocábulo pronunciado incorretamente, mas de uma observação munida de uma análise. Por exemplo, o professor pode e deve agrupar à repetição do termo observações que possam unir explicações ligadas a ortografia, gramática, fonética e origem da palavra, entre tantas outras, sempre contextualizando para auxiliar que este aluno compreenda como um todo a utilização daquele vocábulo, assim, o uso da palavra no contexto em que está sendo aplicada naquele momento poderá enriquecer muito mais o vocabulário da classe do que uma simples correção pontual.

Desta forma, vale salientar que são inúmeros os desafios, mas também infinitas as estratégias que o professor pode se utilizar para enriquecer as práticas de leitura em sala de aula. Em décadas passadas, a defasagem de leitura sempre fora associada aos índices de fracasso escolar. No dizer de Mortatti (2004, p. 70), "os diagnósticos e denúncias dos problemas educacionais encontravam sua síntese na constatação do fracasso escolar das camadas populares, que se verificava na passagem da 1º para a 2º série do ensino do 1º grau". Desta forma:

[...] a possibilidade de conhecer o uso real da escrita, pois é ouvindo e tentando fazer leituras de textos com mensagens que remetem ao universo, às vezes real, às vezes imaginárias que ela descobre a língua escrita como um sistema linguístico representativo da realidade. É ouvindo mensagens com contextos significativos que a criança se insere num processo de construção acerca da linguagem; aprendizado, portanto diferente do processo de simples domínio de codificação e

decodificação de sentenças descontextualizadas e tão comuns nas cartilhas (MAIA, 2007, p. 82).

Assim sendo, compreende-se que é necessário envolver as crianças desde a mais tenra idade, e eventos de letramento: “situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido à situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas” (KLEIMAN, 1995, p. 40). Dos mais diversos eventos de letramento, os atos de ler histórias se constituem práticas prazerosas e significativas para as crianças, um dos principais objetivos dessa prática é estabelecer interação entre as crianças e a linguagem escrita “de modo a possibilitar uma intimidade prazerosa, uma relação afetiva com a natureza dessa modalidade de linguagem” (MAIA, 2007, p. 95). Pensando assim o professor deve assumir o papel de mediador entre a criança e o livro, no ponto de vista da autora citada anteriormente, ao lermos para a criança estamos oferecendo-lhes um número infinito de informações necessárias para sua aprendizagem e desenvolvimento global.

### **Considerações finais**

Os benefícios da Literatura para as crianças já na mais tenra idade são incontáveis. É imprescindível que no trabalho com a criança seja levado em consideração os apontamentos de Wallon (1978), de que ela não é um adulto miniatura, e sim um ser humano autêntico em pleno desenvolvimento. Segundo as leituras realizadas, este desenvolvimento não é apenas intelectual, e tão pouco apenas motor: é o conjunto de corpo e mente em pleno desenvolvimento.

No caso do educador, não basta, é claro, considerar estes dois aspectos, mas também as influências externas e internas que a criança vivencia. Conforme abordados ao longo do trabalho, as estratégias sugeridas por Lemov (2011), podem auxiliar o professor no desenvolvimento e acompanhamento destas atividades, segundo ele, mesmo que estas não demandem materiais mirabolantes, o professor deve estar preparado para estes momentos. Neste sentido, as atividades que envolvem a leitura trabalham o desenvolvimento lúdico e também motor porque é perfeitamente possível que a criança transforme em brincadeira, ou seja, em ao motor tudo que ela vivencia através da leitura.

Assim como a família, cultura, religião, condições socioeconômicas, tudo influencia neste aspecto; a literatura exerce forte influência no desenvolvimento psíquico da criança. Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas através da

leitura que irão marcar e conferir aos livros um sentido afetivo, determinando. Ou seja, é a afetividade trabalhada no momento da leitura que dará sentido e significado ao conteúdo que por si só pode parecer frio e distante da realidade da criança. Dessa forma, pode-se concluir que, no processo de aquisição da competência leitora e escritora; estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos.

Assim sendo, em toda sua formação e prática cabe ao professor estar devidamente preparado e observar o aluno, não como um ente isolado, nem fragmentado, mas como parte de um todo em constante transformação. Sendo que, só assim, este poderá elaborar estratégias que façam da leitura algo com significado afetivo e irrevogável.

## **Referências**

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BAKHTIN, M. V. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2019.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, B. V. de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Global, 1985.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria análise didática**. São Paulo: Moderna, 2002.

CASTRO, E. F. **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança**. 2020. Disponível em: <https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização, leitura da palavra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

IVIC, I. **Lev Semionovich Vygotsky**. Edgar Pereira Coelho (org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

KLEIMAN, Â. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LEMOV, D. **Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência**. São Paulo: Da Boa Prosa, Fundação Lemann, 2011.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Pulinas, 2007.

MORTATTI, M. do R. L. **Educação e letramento.** São Paulo: UNESP, 2004.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico. São Paulo. Editora Scipione, 1996.

SANDRONI, L. De Lobato à Década de 70. *In:* SERRA, E. **30 anos de literatura para crianças e jovens:** algumas leituras. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SOARES, M. **Letramento:** um termo em três gêneros. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 1998.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento.** Lisboa: Moraes Editores, 1978.